



AUTORIDADE, PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO 1

AUTHORITY, PSYCHOANALYSIS AND EDUCATION

Patrícia Feiten Pinto², Luiz Felipe Vieira Amaral³, Emanuel Dos Santos⁴

¹ Escrito desenvolvido a partir do grupo de pesquisa *Àgora: interfaces entre filosofia, psicanálise e educação*, inserido na linha 2 do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da UNIJUI.

² Doutoranda e mestra em Educação nas Ciências. Bolsista Capes. e-mail: patricia.feiten@sou.unijui.edu.br

³ Acadêmico de curso de Psicologia. e-mail: luiz.amaral@sou.unijui.edu.br

⁴ Acadêmico de curso de Psicologia. e-mail: emanuel.santos@sou.unijui.edu.br

RESUMO

O objetivo deste presente escrito é analisar e problematizar o conceito de autoridade para a psicanálise no campo da educação e seus efeitos na dimensão cultural. Assim, primeiramente, situa-se o mito fundador de totem e tabu para então tematizar a questão da autoridade, que diz sobre um lugar de transmissão da tradição e imposição de limites às novas gerações, como um suporte estruturante no qual os novos possam se ancorar para conviver em sociedade, enlaçar-se com o outro e se constituir como sujeitos.

Palavras-chave: Autoridade. Psicanálise. Educação.

INTRODUÇÃO

O exercício da autoridade é a condição para registrar-se no processo civilizatório, pois o adulto demanda de cada recém-chegado ao mundo um movimento de renúncia, ou seja para o novo humano ter a possibilidade de se subjetivar ele precisa de um outro já inscrito na lei que lhe introduza no campo simbólico da linguagem, lhe diga não e que não atenda irrestritamente os seus desejos.

Este estudo vincula-se ao grupo de pesquisa *Àgora: interfaces entre filosofia, psicanálise e educação*, inserido na linha 2 do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da UNIJUI. O objetivo deste presente escrito é analisar e problematizar o conceito de autoridade para a psicanálise no campo da educação e seus efeitos na dimensão cultural. Neste sentido, entende-se que o lugar simbólico de autoridade é construído nas profundas recordações humanas. Este alicerce estrutura-se através do que a psicanálise chama de transmissão simbólica, como um suporte para que os novos se ancoram e para terem a



possibilidade de serem sujeitos e se inscreverem nos laços sociais.

Freud (1996[1913]) reforça o lugar dos pais na educação, sendo estes transmissores da autoridade, do patrimônio psíquico e da permanência da lei simbólica. Deste modo, cada geração reconstrói sua história e marca seus interditos a partir da resignificação da tradição que lhe foi transmitida. Essas proibições são recalçadas pela tradição e transformadas em herança simbólica.

METODOLOGIA

Esse estudo baseia-se em uma pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, com aporte crítico-hermenêutico. A orientação hermenêutica é atravessada pelos aspectos subjetivos inevitavelmente implicados na relação entre sujeito pesquisador e objeto analisado. Busca também compreender o fenômeno pela interpretação dos sentidos produzidos pelos discursos plasmados em textos, os quais configuram aquilo que se denomina tradição do pensamento. A dimensão crítica analisa as contradições e a dinamicidade do contexto no qual o fenômeno ou objeto está inscrito, além dos conflitos teóricos que perpassam a temática. O critério de seleção dos escritos a serem estudados será a partir de pensadores da tradição da psicanálise, como Freud, e autores da psicanálise contemporânea. Além disso, autores que pensam a educação, como Marques.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A psicanálise - enquanto abordagem teórica e ética-, foi fundada no século XIX pelo médico Sigmund Freud. Assim, segundo Bock, Furtado e Teixeira (2008), a partir dessa corrente é possível compreender o psiquismo humano através dos processos inconscientes, que por sua vez é formado por conteúdos reprimidos e leis próprias. No entanto, é através do processo constitutivo e da entrada da função paterna (e/ou terceiro) que a possibilidade de subjetivação acontece. Com isso, a autoridade se configura como um elemento fundamental na vida humana, pois diz sobre a inscrição de cada humano na cultura.

Desse modo, para pensar sobre o conceito de autoridade na psicanálise é importante retomar aos escritos de Freud (1996 [1913]), isso porque em Totem e Tabu o autor elaborou a narrativa do mito do assassinato do pai como condição para o início da civilização. Essa



inauguração da cultura diz sobre o movimento de renúncia da satisfação total das pulsões entre os irmãos como forma de instaurar um amparo contra os instintos selvagens e a agressividade primitiva.

Para Freud (1996 [1913]) é através dessa trágica trama que o surgimento da lei simbólica se origina. Sobre o mito, para Freud, o pai primevo era aquele quem tinha acesso a todas as mulheres e o único a poder gozar sem restrições. Esse pai expulsava os filhos na medida em que eles cresciam, já que não admitia a presença de possíveis rivais. Certo dia os irmãos se uniram e tomaram a coragem de juntos, mataram e devoraram o pai, colocando fim ao seu comando. O violento pai primevo foi, sem dúvida, temido e invejado, mas ao devorá-lo, os irmãos se identificaram com ele, cada um acreditando ter adquirido uma parte de sua força. Por outro lado, se sentiram culpados por esse ato.

Embora os irmãos se reuniram para derrotar o pai, todos queriam ocupar o lugar que ficou vazio. A real possibilidade de uma guerra fratricida fez com que os irmãos criassem pactos simbólicos dando origem à moral. Assim, após o seu assassinato, o pai primitivo ressurgiu simbolicamente ainda mais forte na forma de leis a serem obedecidas e transmitidas pelos membros do clã. Nesse movimento, mesmo que rudimentar, foi instituída a primeira organização social (FREUD, 1996 [1913]).

A partir do mito inaugural podemos compreender que todo sujeito é regido por proibições, leis e tabus que organizam a vida em sociedade. No entanto, é preciso destacar que a partir da psicanálise o conceito de função paterna não se refere à posição masculina exercida perante ao filho(a), mas a partir da concepção lacaniana, essa figura representa a separação entre mãe-bebê necessária para a entrada no mundo simbólico.

Desse modo, a partir do corte necessário para subjetivação é que o sujeito terá como referência maior toda possibilidade e representantes no mundo simbólico. A instituição escolar e/ou os profissionais da educação podem ocupar esse lugar, considerando que segundo Marques (1995) é nesse local que a educação passa ser transmitida de maneira intencional pela palavra do Outro qualificado, não apenas para o mero armazenamento ou repetição, mas pela possibilidade de formação e reconstrução.

O cerne da autoridade acontece via discurso, entre pais e filhos, professores e alunos etc. São efeitos da transmissão a instauração de uma hierarquia, que simbolicamente faz efeito



para o sujeito submetido ao Outro. Portanto, autoridade é fundamental na estruturação das relações sociais, pois é norteadora da dimensão simbólica. Os infantes precisam deste outro, mas não simplesmente da presença parental e sim da filiação, do pertencimento e da autoria deste outro civilizador. Assegurar o lugar de autoridade é uma forma de garantir um projeto de humanidade em que os valores norteadores da vida são assegurados. “[...] a autoridade deve zelar. Zelar aqui tem um único sentido: Projetar no Tempo” (ENDO, 2011, p. 76). Este zelo é com a continuidade da civilização e com a manutenção do laço social.

Desta forma os pais precisam se ocupar deste lugar que lhes é conferido, pois, suas funções são norteadoras da cultura e simbolicamente necessitam se posicionar enquanto sujeitos que sabem. Estas figuras não podem preencher somente um lugar, mas valorar a posição de pai e instituir a filiação e o pertencimento. O lugar de autoridade é aquele que zela e legitima o sentido de viver dentro de uma cultura.

Sennet (2014 [1943]) dá um exemplo dessa autoridade descrevendo a imagem do maestro Pierre Monteux. O regente, segundo ele, era dotado de autocontrole completo, e de uma segurança que era esteio da sua autoridade. A sua posição frente aos músicos instigava que todos se submetessem a ele. Esta segurança permitia exercer uma disciplina eficaz sobre os músicos. Não havia coerção e nem ameaça, mas apenas um maestro que buscava fazer seus músicos serem os melhores possíveis. Seu trabalho foi no intuito de guiar, modificar e agir sobre a ação de cada instrumentista.

Com base neste exemplo, vemos que a autoridade opera com a finalidade de modificar comportamentos e transformar o sujeito. Transformações estas que estão atreladas ao saber autoral de cada sujeito firmado simbolicamente. Por isso, o lugar de quem exerce autoridade não está pautado no argumento, na força ou em formas de convincentes: “Onde se utiliza argumentos”, afirma Arendt (2009 [1906-1975]), “a autoridade é colocada em suspenso” (p.129).

Assim, a autoridade diz sobre um lugar de transmissão da tradição e imposição de limites às novas gerações, como um suporte estruturante no qual elas possam se ancorar para conviver em sociedade, enlaçar-se com o outro e se constituir como sujeitos. Na perspectiva educacional, o sujeito não pode permanecer nesta relação de dependência a vida inteira, pois é preciso que ele paulatinamente encontre outros modos de se orientar no mundo



autonomamente, mas não independente do outro e da lei. Ao mesmo tempo em que a autoridade exige renúncias, é a partir dela que os novos se constituirão como futuros adultos e passarão a ter a possibilidade de juntos, ressignificarem as leis e a vida em sociedade, defendendo aquilo que aparenta ser mais apropriado para a coletividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura tem seus fundamentos calcados nos pactos sociais, e, nos discursos geracionais. Neste sentido, é importante transmitir aos recém chegados possibilidades de uma cultura, de uma tradição, de ritos e de uma moral que será perpassada a estes que chegam e nada sabem deste lugar estranho que é constituído de regras e habitado por sujeitos desejan-tes. Portanto, educar, assim é, direcionar o olhar para o social, inaugurar pensamentos e atos nesta dimensão da vida humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, Hannah. O que é autoridade?. In: Arendt, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. Tradução de Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva. (Originalmente publicado em 1906-1975), 2009. p. 127-187

BOCK, Ana Mercês Bahia. FURTADO, Odair. TEIXEIRA Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia**. 14ª edição – São Paulo: SARAIVA, 2008.

ENDO, Paulo. Um Futuro Sem Origem: transmissão, autoridade e violência. In: Comissão de Aperiódicos de Associação Psicanalítica de Porto Alegre (ORG). **Autoridade e violência**. Porto Alegre: APPOA, 2011. p. 68-81

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu**. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XIII, pp. 17-194. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1913), 1996.

MARQUES. Mario Osorio. **A aprendizagem na mediação social aprendido e da docência**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1995. 139 p.

SENNET, Richard. O Medo da Autoridade. In: Sennet, Richard. **Autoridade**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Record. (Originalmente publicado em 1943), 2014. p. 27-72